



# À beira de um ataque de nervos

*Devido à globalização econômica, o déficit nas contas mexicanas provocou estresse nas bolsas da América Latina e abalou profundamente o sistema financeiro mundial*

## Marcelo Montenegro

**O** chamado “efeito tequila” surgiu como um furacão no *cielito lindo* mexicano e se espalhou em questão de horas por todo o mundo. Os primeiros a cair foram os índices Merval, Bovespa e IBV das bolsas de valores de Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

Em Santiago do Chile, onde há muito tempo não se registram oscilações importantes que possam indicar instabilidade econômica, as ações também desabaram.

Mas o dado inesperado nessa história é que a crise mexicana se revelou um fator capaz de levar o caos ao sistema financeiro mundial, pondo em xeque as economias do Primeiro Mundo.

Os sinais de alarme não pararam de advertir sobre o perigo de uma retração maciça dos investimentos conhecidos como *hot money*<sup>1</sup>, que nos últimos anos inundaram os mercados de valores do Terceiro Mundo, o que provocaria a descapitalização de muitos dos países que seguiram ao pé da letra os planos de ajuste monitorados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

O ex-secretário de estado norte-americano Henry Kissinger foi um dos primeiros a chamar a atenção para o caráter global da ameaça e defendeu a aprovação de uma saída de emergência que permitisse ao México enfrentar a crise sem que esta propagasse seus efeitos a todo o mundo. Vinte três dias depois da desvalorização mexicana, foi o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, que surpreendeu o mundo propondo uma ajuda de nada menos que 40 bilhões de dólares ao país asteca.

Mas o Congresso norte-americano, muito mais vulnerável aos interesses locais e ao bolso do contribuinte nacional, frustrou a “generosidade” do presidente, negando, na prática, o empréstimo nas condições propostas por Clinton.

Comprovada a rejeição dos congressistas, Clinton anunciou que retirava o projeto do Legislativo e que usaria seu “poder execu-

tivo” para comprometer, em compensação, 20 bilhões de dólares do Fundo de Estabilidade Cambial dos Estados Unidos.

Estes fundos, cuja utilização Clinton não precisa de autorização do Congresso, foram usados pelo presidente como “âncora” de um novo pacote que incluirá 17,7 bilhões de dólares do FMI e 10 bilhões de dólares do Banco de Compensações Internacionais (BIS), sediado na Suíça e conhecido como “o Banco Central dos bancos centrais”. No total, serão 47 bilhões de dólares que irão sustentar o peso mexicano.

Não obstante o efeito sedativo que a decisão norte-americana produziu em todo o mundo, no Rio da Prata – particularmente na margem portenha da Argentina –, os tremores alcançaram vários graus na escala Richter e ainda não passaram.

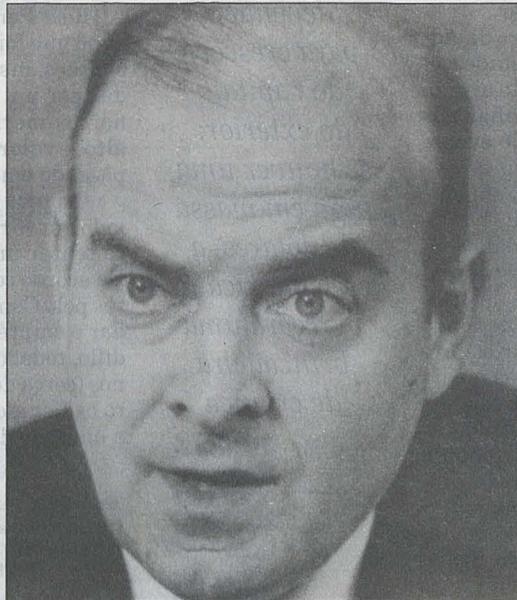
## Os sintomas se parecem

A economia argentina, sob o comando do ministro Domingo Cavallo, está baseada no Plano de Conversibilidade, segundo o qual a base monetária da Argentina (em pesos nacionais) nunca pode superar as reservas em dólares existentes. Isto significa que a Argentina depende, para crescer, do fluxo de capital do exterior. Se se produzisse uma fuga em massa de dólares neste país, a crise mexicana pareceria brincadeira de criança.

Como o déficit das contas mexicanas no setor externo é considerado um dos principais fatores no desencadeamento da crise, a preocupação na Argentina é cada vez maior porque, desde 1992, as contas da balança comercial são deficitárias e não se tem previsão de uma reversão desta tendência a curto prazo.

Uma recente análise do economista Roberto Frenkel chama a atenção sobre a semelhança dos sintomas no México antes da crise e na Argentina de hoje. “O diagnóstico do presidente Ernesto Zedillo, quando afirmou que o governo não havia dado a devida atenção ao dé-

Domingo Cavallo:  
“Tudo sob controle”



ficat externo, é tão preocupante, que em Buenos Aires se preferiu ignorá-lo”, afirma Frenkel.

E acrescenta que tal atitude é compreensível porque o governo de Menem tem insistido em afirmar que as políticas de câmbio são diferentes nos dois países, principalmente porque na Argentina a desvalorização do dólar está proibida por lei.

No entanto, Frenkel considera que “as políticas de câmbio da Argentina e do México têm muito mais pontos em comum do que diferenças, particularmente quando são comparadas com outras alternativas vigentes na região”.

O governo argentino “se esforça em deixar claro que a lei do país não permite que se faça algo parecido (refere-se à inesperada desvalorização do peso mexicano), apostando em que esse discurso poderá impedir uma eventual corrida cambial. Mas só o tempo dirá se vai ter êxito ou não...”, conclui o economista.

## A tequila no Brasil

Como o Plano Real está dando os primeiros passos, o Brasil tem à sua disposição muito mais alternativas do que a Argentina para não enveredar pelo mesmo caminho mexicano. No entanto, deve-se prestar atenção ao fato de que alguns alertas são dados de forma interesseira. Este é o caso, por exemplo, das queixas de alguns especuladores que perdem muito com o baixo valor do dólar e aproveitam a crise asteca para exigir uma desvalorização do real. Mas, deixando de lado estes setores, não são poucas as figuras no Brasil — inclusive dentro do próprio governo — que assinaram os perigos objetivos que poderiam advir da desvalorização do real em relação ao dólar.

Luiz Carlos Bresser Pereira, ministro da Administração Federal e de Reforma do Estado, comenta a “lição mexicana” em um recente artigo, alertando sobre o risco que implica confiar nos investimentos de *hot money*, capazes de evaporar em segundos através dos computadores.

Bresser disse que o México, para financiar seu déficit, recorreu a estes capitais, que entram maciçamente não tanto em função da confiança despertada pela economia, mas estimulados pelas altas taxas de juros. E em vez de utilizá-los para investimentos produtivos de longo prazo, o governo os usou para financiar os produtos de consumo importados pela classe média e para pagar os pesados juros de sua dívida externa. Isto, segundo o ministro, demonstra as limitações das políticas voltadas exclusivamente a despertar a confiança do Primeiro Mundo, ainda que à custa do próprio interesse nacional.

No mesmo sentido se pronunciou o comandante da Escola Superior de Guerra do Brasil

**Henry Kissinger**  
foi um dos  
primeiros a  
chamar a atenção  
acerca da ameaça  
global que  
representava a  
crise mexicana



(ESG), brigadeiro Mário Xavier Ferolla: “A crise mexicana demonstrou que as economias nacionais não podem estar baseadas em um cassino, em capitais especulativos que podem retirar-se do país de uma hora para outra.”

O brigadeiro Ferolla disse que nenhuma economia sólida pode estar cimentada em um modelo predominantemente importador e observou que, a seu ver, “felizmente”, o governo brasileiro havia superado as “grandes pressões, principalmente do exterior, para abrir a economia até um ponto que teria colocado em risco a existência da indústria nacional”.

No entanto, o fiasco do melhor exemplo de construção neoliberal não parece ter exibido ainda seus contornos definitivos. Enquanto a população norte-americana estava ainda em processo de assimilação do anúncio do presidente sobre o empréstimo de emergência ao México, no Senado daquele país, o líder da maioria republicana, Bob Dole, pediu ao secretário do Tesouro, Robert Rubin, que entregasse cópias de todos os documentos de onde pudessem surgir possíveis “conselhos” dos Estados Unidos ao México em matéria de desvalorização de sua moeda.

Ross Perot, por sua vez, o multimilionário texano que foi candidato a presidente nas últimas eleições, insinuou que a crise mexicana foi “criada” por um conluio entre políticos mexicanos e norte-americanos para manter artificialmente alto o valor do peso, devido às eleições do ano passado em ambos os países.

O preço de tudo isto para o México foi calculado em vários anos de sacrifício de seu povo para tentar uma recuperação. Mas pode ter mais. De acordo com as exigências que estão sendo feitas pelo Congresso norte-americano para respaldar o empréstimo de emergência ao governo Zedillo, toda a receita da estatal Petróleos Mexicanos (cerca de 7 bilhões de dólares anuais) iria para os Estados Unidos, que também controlariam a emissão de moeda mexicana. ■

*A Argentina  
depende,  
para crescer,  
do capital  
do exterior:  
se houver uma  
fuga em massa  
de dólares, a  
crise mexicana  
parecerá uma  
brincadeira  
de criança*

<sup>1</sup> Investimentos especulativos, atraídos por altas taxas de juros, que buscam a obtenção rápida de lucros e, por isso, migram constantemente pelos mercados emergentes